

## UMA AVENTURA NO CARIBE

Por Fernando Cunha

Aqui em Brasília faço parte de um grupo de colegas advogados que semanalmente se reúne para uma sempre agradável happy hour, onde degustamos os nossos vinhos prediletos e falamos dos mais variados assuntos.

Numa dessas ocasiões, soube que um deles, Gladstom Donola, como eu também gostava de velejar e que mantinha um veleiro de 38 pés, modelo Bruce Robert, ano 1988, batizado com o nome de **Beethoven**, numa marina em Puerto de la Cruz, cidade integrada à de Barcelona, no leste da Venezuela, distante 310 km de Caracas, em pleno Caribe.

Explicou-me o Gladstom que a cada quatro meses, aproximadamente, ele voava até lá e se refugiava no **Beethoven**, onde velejava pelas ilhas caribenhas circunvizinhas, em períodos de 15/20 dias, e ficava mantendo contato com o seu escritório via telefone e/ou internet.

Adiantou-me, ainda, que já vivia essa situação há três anos e que o tempo limite de permanência do barco na Venezuela estava para vencer. Por isso, estava pensando em levar o barco para Curaçao, nas Antilhas Holandesas, onde ficaria outro período nas mesmas condições. Assim, poderia com maior facilidade velejar até outros locais mais próximos da nova localização.

Algum tempo depois, Gladstom informou-me que havia tomado a decisão e convidou-me para, juntamente com ele e outro seu amigo, João Azevedo, funcionário da Caixa Econômica Federal, em período de férias, fazer o deslocamento do **Beethoven** de Puerto de La Cruz na Venezuela até Curaçao nas Antilhas Holandesas.

Fiquei entusiasmado com a idéia. Porém, sabedor de que o João Azevedo tinha pouquíssima experiência como navegador, pedi autorização ao Gladstom para convidar o Antonio Cláudio, meu amigo de muitos anos, engenheiro aposentado do Banco do Brasil e também proprietário de barco, além de bastante experiente, para integrar a tripulação.

Feito o convite e após uma reunião dos quatro, o Cláudio aceitou e ficou constituída a equipe que levaria o **Beethoven** para a sua nova moradia da seguinte forma:

**Capitão:** GLADSTOM DE LIMA DONOLA

**Tripulantes:** ANTONIO CLÁUDIO AZEVEDO

FERNANDO CUNHA

JOÃO ANTONIO MIRANDA AZEVEDO

De comum acordo ficou convencionada a data da partida de Brasília para o dia 02 de junho de 2011, uma quinta-feira. Eis o roteiro:

### BRASIL

**Dia 02 - 09:30h - Saída de Brasília, em vôo da TAM**  
**11:00h - Chegada a São Paulo**  
**15:00h - Saída de São Paulo, em vôo da TAM**  
**21:00h - Chegada a Caracas**

### VENEZUELA

**Dia 03 - 07:30h - Saída de Caracas, em vôo da ASERCA**  
**08:10h - Chegada a Barcelona**  
**08:30h – Saída de Barcelona (de táxi)**  
**09:20h – Chegada à Marina Puerto de La Cruz**

Chegando à marina registramos fotograficamente o local e fomos apresentados ao **Beethoven**. Logo tratamos de guardar as nossas bagagens e vestir bermudas para cuidar da “casa” e nos alojamos o mais convenientemente possível (quatro homens dentro de uma cabine).

Concluída essa parte, o Capitão GLADSTOM cuidou de nos apresentar a alguns vizinhos de barco no cais (**Santiago**, um espanhol boa praça, simpático e prestativo; **Patrizio**, um italiano também boa praça, mas um dos maiores “porra-louca” que eu já conheci. Doido varrido).

Conhecemos também o **Miguel**, dono de um restaurante em uma ilha próxima (**Puinare**), onde o CLÁUDIO e EU passamos parte do domingo e por lá almoçamos. Aconteceram outras apresentações, porém não merecedoras de registro.

Da sexta-feira (dia 03) até a terça-feira (dia 07), além das providências que se faziam necessárias com relação ao barco, também cuidamos da parte de alfândega para nós (entramos no País de avião e sairíamos de barco).

Nossa viagem por pouco não sofreu um atraso em razão de um feriado nacional decretado na Venezuela na véspera, dia 07, terça-feira, por conta de um jogo de futebol entre a seleção campeã do mundo (Espanha) e a da Venezuela - justamente na cidade onde estávamos -. Foi um verdadeiro caos.

Tivemos que antecipar tudo o que havia para ser feito, inclusive as compras de gêneros alimentícios no supermercado.

À noite, após alguns problemas do barco serem sanados de última hora pelo Capitão GLADSTOM, o CLÁUDIO propôs uma reunião do grupo e comunicou que após muito refletir durante os cinco dias de alojamento na cabine da embarcação, concluiu que o seu temperamento não se adequaria a uma convivência com quatro pessoas de estilos tão diferentes em espaço tão reduzido.

E isto, disse mais, porque ainda estamos ancorados e sem enfrentar os transtornos e as dificuldades de uma navegação de longo percurso, durante dez dias. Por essa razão estou desistindo da jornada

Feitas algumas ponderações, mas respeitando-se o ponto de vista do companheiro desistente, só nos restava acatar a sua decisão.

Todos lamentamos o retorno do CLÁUDIO. Entretanto, acredito que tenha sido eu, nos primeiros três dias, quem mais sentiu a sua ausência. Isto pela amizade que nos une; pelo entrosamento que já vinha se desenvolvendo entre nós com relação à viagem e, sobretudo, pela confiança que ele me transmitia com a sua presença reforçando a equipe.

Após uma noite de ansiedade, nos levantamos todos por volta das 05:00h., fizemos um lanche a bordo, nos despedimos do CLÁUDIO (que seguiria da Marina para o Aeroporto) e zarpamos.

### **1º Trecho – Dia 08 de junho de 2011**

#### **Puerto de La Cruz X Isla de La Tortuga (56 milhas)**

Saímos da Marina Puerto de La Cruz às 05:45h., a motor, porque não havia vento nenhum. Somente por volta das 11:00h., quando já estávamos em mar aberto e não se avistava mais qualquer resquício de terra, começamos a ser beneficiados com um vento que todo velejador como eu deseja: Nem merrecado e nem pauleira, como dizemos em nossa gíria lacustre.

Então a navegada se tornou prazerosa. Ora algumas rajadas nos faziam adernar, o que foi ótimo para que eu fosse ganhando, paulatinamente, a confiança que me faltava naquela imensidão de mar.

Ao fim dessa primeira jornada, tranqüilíssima, onde fizemos apenas lanches a bordo, chegamos à Ilha de La Tortuga por volta das 18:00h. e jogamos a âncora para o merecido repouso dos guerreiros.

Após tomarmos o nosso banho, o Capitão GLADSTOM nos preparou uma sopa com água do mar, porque em nossas compras foi esquecido o sal. Mais tarde tomamos uma cervejinha geladíssima. Ah! nem é preciso dizer como a sopa estava saborosa. O que a fome não faz!!!

Antes de dormir jogamos muito conversa fora, ouvimos boas músicas de um CD gravado pelo Capitão, que seria repetido uma centena de vezes durante a viagem, e ainda comentamos, de leve, a desistência do CLÁUDIO.

A partir daí cada um foi se arrumando para dormir e eu só pensava no próximo trecho, quando navegaríamos a noite inteira.

Na manhã seguinte, após o café, colocamos o bote inflável na água, com o indispensável isopor abastecido com algumas cervas e nos deslocamos até a ilha.

Lá na praia tomamos o nosso primeiro banho em águas caribenhas. Demos uma caminhada a esmo e retornamos ao **Beethoven** para preparar o almoço e tirarmos um cochilo para iniciarmos o mais longo e que também viria a ser o mais sofrido trecho de toda a viagem.

## **2º Trecho – Dias 09/10 de junho de 2011**

### **Isla de La Tortuga X Arquipélago de Los Roques (95 milhas)**

Às 16:00h. do dia 08 deixamos La Tortuga. Tivemos que sair a essa hora para chegarmos no dia seguinte com a luz do dia. Se saíssemos cedinho, como o percurso era muito longo, somente chegaríamos lá durante a noite e o Capitão GLADSTOM estava temeroso de entrar na ilha de madrugada, sem qualquer noção a não ser a indicação do GPS. E isso, com justa razão, o deixava inseguro. Eu também assim agiria se estivesse no comando.

Começamos a viagem maravilhosamente bem. Eu no timão. Navegávamos com as duas velas afinadíssimas - segundo o meu conceito -, num invejável vento de través. Anoteceu e continuávamos no mesmo ritmo.

Cheguei até a pensar que fossem exagerados os acessórios de segurança que eu usava, tais como apito, colete, cabo de segurança e uma lanterna de emergência, com estrobo, que me havia sido emprestada pelo CLÁUDIO, com a rigorosa observação de que eu deveria pendurá-la no pescoço à noite e, em caso de necessidade, acionar o seu botão imediatamente.

Mas, como segundo o ditado “tudo o que é bom dura pouco”, por volta das 22:00h. parece que Netuno cansou de ser bonzinho para nós e o mar começou a ficar revoltado, com ondas mais altas que o barco, mas que não chegaram a lavar o convés, felizmente.

E a coisa foi engrossando. Eu comecei a rezar e a pedir a Deus que aquela noite acabasse. Sim, porque logo começariam as ocorrências que me levaram a denominar aquela como A NOITE DOS PESADELOS.

Pouco antes da meia-noite, subitamente arreventou o engate que prende a escota da vela grande ao traveller, deixando a retranca doida e a vela ao sabor do vento. Reduzimos a velocidade do barco até quase parar enquanto o Capitão GLADSTOM localizava na cabine, com uma lanterna, um engate semelhante e em seguida procedia à reposição.

Com isso, retomamos a velejada, porém mais cautelosamente, embora o Éolo parecesse cada vez mais enfurecido e as ondas não nos dessem trégua.

Quanto mais eu ficava nervoso, mais o companheiro AZEVEDO, dava risadas homéricas. Eu, no limite do estresse, cheguei a dizer prá ele: *“Porra, a gente aqui se lascando, eu desesperado e tu aí rindo feito uma besta!”* Aí era que ele olhava prá mim e ria mais ainda.

Não dia seguinte ele me explicou: *“Fernando, desculpe, mas ontem à noite, eu no meio daquele desespero, vendo a aflição de vocês e sem pode fazer nada, sofri um ataque de nervos tão grande que só sabia rir incontinentemente. Não havia jeito de parar. Aquilo foi absolutamente involuntário”*. Pois é, vivendo e aprendendo.

Por volta de 01:00h. da madrugada, uma das costuras da vela grande abriu no sentido horizontal (da retranca) de uma ponta a outra e com isso forçou a costura da valuma a ponto de também começar a abri-la.

Novamente reduzimos a velocidade do barco ao mínimo possível e, com todo o balanço da embarcação, o Capitão GLADSTOM, auxiliado pelo AZEVEDO, conseguiu abaixar a vela e amarrá-la à retranca para prosseguirmos somente com a Genoa. Ligamos o motor para auxiliar.

E a noite não passava. Os três com os nervos à flor da pele. Em dado momento, inexplicavelmente, o AZEVEDO começou a cantar na madrugada, aquelas músicas conhecidas do nosso tempo. Espontaneamente, passei a acompanhá-lo e o GLADSTOM também. A partir daí, cada um que se lembrava de uma música iniciava cantando-a e quem sabia a letra acompanhava.

No meio dessa sinfonia madrugada adentro, eis que por volta de 02:00h. ouvimos um barulho esquisito e constatamos que a correia do piloto automático - o mais competente dos membros daquela tripulação -, havia se rompido. E agora? A correia sobressalente existia, mas não tínhamos a bordo uma chave para remover a roda de leme e fazer a substituição.

A partir daí prosseguimos conduzindo o leme manualmente e com o olho no GPS, até a chegada ao Arquipélago de Los Roques, às 13:30h. do dia 10, completamente exaustos, famintos e sonolentos.

Jogamos âncora, ficamos nos olhando e cada um abriu uma cerveja e outra logo em seguida, até quando voltamos a conversar, tomar banho e comer sanduíche com suco de laranja. Após esse ágape, cada um foi para a sua cama e todos dormimos até o dia seguinte às 06:00h.

Ao acordarmos, ainda fervilhavam em nossas mentes os fatos daquela noite. E foi assim que seguimos para uma cidadezinha (ou vila) da principal ilha do Arquipélago, que fica nas proximidades do aeroporto, e lá conseguimos almoçar decentemente e depois tiramos muitas fotografias.

Apesar de ser um sábado (dia 11), conseguimos a ferramenta para remover a roda de leme e fazer a reposição da correia do piloto automático. Como já era o final do dia, tomamos banho e voltamos para o mesmo restaurante onde havíamos almoçado e ficamos tomando umas cervejas e observando um pouco o movimento noturno da vila. Depois fomos dormir para seguir viagem no dia seguinte (domingo) logo cedo.

### **3° Trecho – Dia 12 de junho de 2011**

#### **Arquipélago de Los Roques X Isla de Las Aves I (47 milhas)**

Partimos às 07:30h da manhã da forma como havíamos chegado. Ou seja, com a genoa içada e o auxílio do motor. Para essa situação, a viagem foi normal e chegamos à Isla Las Aves I às 16:30h. Ancoramos em um local deserto, onde algum tempo depois chegaram mais dois barcos grandes e pernoveram a pouca distância do **Beethoven**. Antes do nosso ritual de sempre (banho, refeição, bate papo com cervejinha e dormir) ficamos maravilhados com a presença de tantas e tão bonitas aves (talvez por isso o nome da ilha).

### **VENEZUELA / ANTILHAS HOLANDESAS**

#### **4° Trecho – Dia 13 de junho de 2011**

#### **Isla de Las Aves I X Bonaire (48 milhas)**

Às 06:00h. desse dia deixávamos a Venezuela. Viagem em tudo semelhante ao trecho anterior. Chegamos à Harbour Village Marina, em Bonaire, às 15:30h. Estávamos nas Antilhas Holandesas. Aqui cabe registrar que esta é “A Marina”. Além de grande, oferece com requinte todos os serviços que atendam aos barcos, comuns às boas marinas e acesso à internet, entre outros.

Dispõe de resort no mesmo complexo (tipo flat), com luxuosos apartamentos e serviços de hotel. Tem ainda um excelente restaurante, independente do hotel, e também com acesso ao público, como é comum em muitos clubes sociais.

Logo ao chegar cuidamos de atender imediatamente as exigências necessárias na alfândega da cidade (carimbar passaportes com a data de entrada na ilha, etc) para que pudéssemos ficar tranquilos e passássemos a curtir Bonaire. Foi lá que verdadeiramente começou a viagem para mim.

No primeiro dia alugamos um carro. Conhecemos a ilha inteiramente, passeamos bastante, comemos em bons restaurantes e assistimos a algumas competições do Torneio Mundial de Pranchas a Vela que ali se realizava.

Após três dias em Bonaire, a primeira das duas ilhas do ABC (Aruba/Bonaire/Curaçao) das Antilhas Holandesas por onde passaríamos, e já totalmente recuperados dos contratemplos e sufocos enfrentados até então, seguimos viagem com apenas dois tripulantes: GLADSTOM e FERNANDO. E por que isso?

Antes da partida de Bonaire para o nosso destino final, que era Curaçao, o AZEVEDO conversou com o GLADSTOM e explicou-lhe que havia firmado um compromisso com a esposa, para se encontrarem em Curaçao, sendo que ela iria de Brasília em vôo comercial e lá se encontrariam no sábado.

Explicou que apesar de o dia de nossa partida ainda ser na quinta-feira, dia 16, e a viagem demorar apenas um dia, estava preocupado de haver algum atraso em decorrência de quebra do barco. Isso criaria um constrangimento para o casal, o que ele não queria de forma alguma, porque haviam planejado uma segunda Lua de Mel lá no Hotel Hilton.

As justificativas foram entendidas e o AZEVEDO seguiu viagem de Bonaire para Curaçao, via aérea, no mesmo dia da partida do **Beethoven**.

### **5º Trecho – Dia 16 de junho de 2011**

#### **Bonaire X Curaçao (48 milhas)**

Vencido o antecitado imprevisto, partimos às 06:00h. para o nosso destino final. Não sei se pelo relaxamento que Bonaire nos proporcionou ou pela euforia em razão do pouco que faltava para o alcance do nosso propósito, foi esse o melhor trecho da viagem, mesmo considerando-se a precariedade em que se encontrava o barco.

Fizemos todo o percurso ouvindo música, papeando e eventualmente abríamos uma latinha de cerveja, tamanha era a nossa satisfação. Ao contrário de outras ocasiões, o tempo passou mais rápido do que esperávamos. Chegamos a Curaçao às 13:10h. onde o AZEVEDO já nos esperava lá na Marina com um carro alugado.

Acabou que o AZEVEDO ficou conosco nos dias 16 e 17 e no dia 18 foi se encontrar com a mulher no Hilton. A partir de lá, até hoje, dia 23 de agosto, quando estou escrevendo estas linhas, não mais o vi. Acho que morreu de amor na Lua de Mel.

O **Beethoven** ficou entregue aos cuidados da CURAÇÃO MARINE, de acordo com o objetivo previsto. Segundo o seu proprietário, Gladstom de Lima Donola, no final do ano deverá passar por uma grande reforma, porque também merece.

Podemos, simbolicamente, dizer ao final dessa jornada que o **Beethoven** foi um grande herói, agüentando firme até o destino final, mesmo avariado. **Foram velejadas 294 (duzentos e noventa e quatro) milhas.**

Curaçao foi aquilo que eu esperava, não só por tudo que já havia visto e lido a respeito, quanto por já conhecer Aruba. E as duas se assemelham tanto arquitetônica quanto culturalmente.

Claro, Curaçao é maior e melhor, sem dúvida. Valeu muito a pena, apesar de tudo. A grande quantidade de fotografias tiradas comprova o que está aqui registrado.

### CURAÇÃO / CARACAS

Ficamos em Curaçao (Eu e o Gladstom) até o dia 22, quando embarcamos no final da tarde para Caracas, em vôo da empresa regional DAE, e lá chegamos após 40 minutos de vôo.

Na capital da Venezuela nos hospedamos no Meliá Hotel. Minha curiosidade era grande, por tudo o que se fala e o que se vê daquele País pela imprensa.

No dia seguinte à nossa chegada realizamos um City Tour com empresa especializada, o que facilita sobretudo a coleta de informações e os deslocamentos futuros na cidade.

Caracas, sim, me surpreendeu. Esperava menos, bem menos. A começar pela população que eu desconhecia e fiquei sabendo que é de 6.000.000 de habitantes (a grande Caracas, como é moda). Pareceu-me uma São Paulo em escala reduzida, principalmente pelo trânsito caótico. No mais, igual a tudo que existe em qualquer grande metrópole.

Permanecemos naquela cidade até o dia 24 à noite.

Também valeu muito conhecer para poder falar com conhecimento de causa e fazer um julgamento próprio.



### **CARACAS / SÃO PAULO**

Deixamos Caracas por volta da 21:00h. do dia 24, sexta-feira, pelo horário local, em vôo da TAM, e chegamos em São Paulo por volta 05:00h da manhã do dia 25, sábado, horário brasileiro. (A Venezuela tem uma hora e meia a menos que o Brasil).

### **SÃO PAULO / BRASÍLIA**

Para encerrar, deixamos o Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, às 07:30h. e chegamos à nossa querida e inigualável Brasília às 09:00h. do sábado, dia 25 de junho de 2011, ficando, assim, encerrada essa Aventura no Caribe. **V A L E U.**